



VILLARINO PARDO, Carmen; RUFFATO, Luiz (Orgs.).
O conto brasileiro contemporâneo. Galiza:
Edicións Laiovento, 2011. 238p.



Depois da grande – e reconhecidamente bela – antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século*¹, organizada por Ítalo Moriconi, e alguns outros grandes projetos antológicos, eis que Carmen Villarino Pardo e Luiz Ruffato fazem chegar às mãos dos leitores uma fresca e vivaz antologia de contos, já necessária tanto pelo tempo que se passou depois do trabalho de Moriconi quanto pela atenção e prestígio que merecem os atuais contistas brasileiros. Trata-se d'*O conto brasileiro contemporâneo*, antologia publicada em 2011 e que reuniu 21 trabalhos de autores brasileiros ainda vivos, alguns dos quais se encontram no início de carreira, e outros já com algum trabalho literário publicado e reconhecido pela crítica. A parceria de Ruffato e Villarino também merece atenção especial: ele, escritor com carreira sólida e já galardoado com o *Prêmio Machado de Assis*; ela, doutora em literatura brasileira e professora titular da Universidade de Salamanca (Espanha). Essa parceria tem uma função primordial: levar a literatura brasileira para o mundo.

De fato, a produção de um livro comercial que promova a internacionalização da literatura brasileira é uma intenção flagrante, motivada sobretudo por outros setores que promovem a cultura brasileira tanto dentro quanto fora do país, como a Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o *Projeto Brazilian Publishers*. A propósito dessa internacionalização, os organizadores afirmam que “Os produtos literários, como produtos exportáveis, convertem-se em mercadorias que integram uma *Marca Brasil*, mais ampla, em termos culturais.” (VILLARINO e RUFFATO, p. 10). Por isso, *O conto brasileiro contemporâneo* é indubitavelmente um produto de exportação, cuja intenção é divulgar a literatura brasileira em contextos culturais outros, mostrando para o mundo o que de melhor os contistas brasileiros têm produzido atualmente. Passando por nomes como Cíntia Moscovich, Férrez, Luis Augusto Fischer e Milton Hatoum, a antologia contempla contos de temas variados, e, ainda a propósito da intenção de divulgar a cultura brasileira em contextos globais, apresenta também um glossário terminológico, produzido e organizado por Laura Blanco de la Barrera.

O conto, que tem sido um gênero literário tão bem desenvolvido no Brasil do século XX à atualidade, encontra nessa antologia a prova cabal de que, do ponto de vista genológico, o Brasil tem desbravado novos percursos estéticos e, agora, parece ter construído uma identidade própria no que diz respeito ao repertório contístico escrito no país. Para que melhor se compreenda a grandiosidade desse percurso, cabe aqui uma observação mais atentada de dois contos presentes nessa antologia, a começar por *Felicidade*, trabalho assinado pelo belorizontino André Sant’Anna, escritor e roteirista, autor de *Amor* (1998), *Sexo* (1999), *O paraíso é bem bacana* (2006) e *Inverdades* (2009).

De maneira não muito linear, *Felicidade* dá vida a um narrador-personagem muito crítico e irônico, que, na ocasião do carnaval, observa todo o exibicionismo e os excessos típicos dessa ocasião do ano, descrevendo a alegria fortuita, o alvoroço de sorrisos, de danças e movimentos que se misturam nas festas carnavalescas. O conto começa com uma descrição do espaço no qual o narrador começa a sua observação:

O povo estava mais ou menos nojento, caminhando para a morte, envelhecendo, fedendo, bebendo cerveja, cheio de ereções e umidades, com espinhas nas bundas, comendo espetinho de camarão, naquelas praias do Nordeste, todo mundo feliz o bastante. (SANT’ANNA, p. 45)

Partindo desse espaço, e passando também pelo carnaval de Salvador, o narrador determina bem algumas personagens, todas elas marcadas por um caráter alegórico muito significativo: “as mulheres, artistas, com bunda, muito bonitas” (SANT’ANNA, p. 45); Roberto Escurinho, um adolescente que “leva uma vida sem sentido” (SANT’ANNA, p. 46); Os policiais, alguns honestos e outros desonestos, mas todos corruptos, porque praticavam a honestidade conforme lhes era conveniente; as atrizes, uma famosa e a outra menos famosa, mas ambas com “bundas e seios róseos” (SANT’ANNA, p. 48). Esse conjunto de personagens denuncia as mazelas que assolam a personalidade do brasileiro, considerando sobretudo a figura da *bunda*, nome que, além de aparecer na primeira descrição do espaço, é retomado várias vezes no conto para delinear as imagens das mulheres que exibem seus corpos no decorrer das festividades. A crítica

¹ MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro, Objetiva: 2001.

às mulheres é evidente a partir do momento em que, numa leitura mais atenta, é possível perceber que os sujeitos do sexo feminino são retomados e descritos somente a partir do culto ao corpo, tão peculiar no carnaval brasileiro.

Ainda na relação entre personagens e crítica social, e imitando o movimento estonteante das festas de carnaval, a voz do narrador também se mistura com a voz das personagens, como num trecho em que, ao falar sobre os muitos negros que habitam o Rio de Janeiro, o narrador, retomando a voz dos policiais corruptos, afirma: “uma hora dessa, a gente fuzila tudo. Eles estão pedindo” (SANT’ANNA, p. 46). O narrador se faz policial, se mistura com as personagens, transita por outras identidades e por outros papéis sociais, dando a entender que o percurso de leitura se dá justamente pelas tantas festas de carnaval que ocorrem no Brasil, seja numa praia qualquer do Nordeste, em Salvador ou no Rio de Janeiro.

Tomando o carnaval como pretexto para criticar tanto a díspare existência de ricos e pobres no Brasil quanto os exibicionismos dos brasileiros, cuja imagem dita o padrão nacional de beleza, não é possível, a princípio, encontrar uma personagem principal. Entretanto, essa personagem existe, e está nas entre-linhas: o protagonista do conto de André Sant’Anna é o próprio brasileiro, personagem coletivo que, projetado em vários outros personagens menores e pontuais, denuncia-se e é denunciado pela voz do narrador. Por fim, e como não poderia deixar de ser, o conto termina com uma perspicaz evocação do espírito tipicamente brasileiro do pós-carnaval, momento no qual o narrador, terminando o conto mas não a festa, afirma, evocando também o discurso do personagem principal e coletivo – o povo brasileiro: “É bom aproveitar agora, que, daqui a pouco, o ano começa mesmo e a gente vai ter que fazer uma grana e ser feliz” (SANT’ANNA, p. 49).

Um outro conto muito intenso, e que também retoma um aspecto essencial da cultura brasileira – a relação íntima entre o homem e o litoral –, intitula-se *Mar*, texto assinado pelo paulista João Anzanello Carrascoza, redator e professor universitário, autor também de *Dias raros* (2002), *O volume do silêncio* (2006) e *Espinhos e alfinetes* (2010). *Mar*, cuja narrativa em primeira pessoa começa em letra minúscula e termina sem ponto final, conta, a partir de um intencional recorte de tempo, uma bela – porém triste – história de amor entre “pai-e-filho” (CARRASCOZA, p. 118), ambos surfistas e apaixonados pelo mar. Utilizando o mar como metáfora de tempo, o narrador descreve as felizes lembranças de ter visto o filho – “o meu menino” (CARRASCOZA, p. 117) – aprendendo a surfar, caindo em algumas ondas e tendo êxito em outras, e sempre feliz por estar ao lado do pai, aprendendo e se divertindo com ele.

Num rápido salto temporal, o percurso da narrativa se desvia das lembranças que o pai descreve para um presente

literário em que o narrador conta a admiração por ver o seu filho crescer, já homem, com “tão longos braços, o brinco na orelha, a tatuagem na perna, a prancha comprida, preta, de especialista” (CARRASCOZA, p. 119). Nesse instante, o pai, entregando o mar ao filho, e entendendo que o seu *menino*, aquela criança que ontem ele ensinara a surfar, tinha “Tanto mar ainda pela frente” (CARRASCOZA, p. 118), afirma com orgulho: “o mar agora é deles, tempo de usufruir suas ondas” (CARRASCOZA, p. 119). Ao ver o filho partir para alguns dias de praia com os amigos, o narrador ainda se orgulha de ver o seu tão jovem se aventurar pelas águas do mar sem fim, mar que agora pertence aos mais jovens, aos que nele se aventuram por força da vitalidade tão peculiar aos homens de pouca idade. Entretanto, um telefonema abafa essas boas lembranças, e o narrador entende perfeitamente o que aconteceu: o filho, ainda que com prancha de especialista, morrera afogado, e o seu *menino*, que hoje era homem feito, estaria “pra sempre, lá no mar, no fundo de mim” (CARRASCOZA, p. 120), tal qual aquele menino que, ontem, era tão ávido pelo mar, e que, de tanta avidez, no mar mesmo morreu, permanecendo para sempre no fundo do oceano de lembranças que inundam o coração do narrador.

Como referido anteriormente, a antologia conta ainda com um glossário de termos específicos da cultura brasileira, cujo conjunto de palavras proporciona uma melhor leitura dos contos que compõem a antologia. Alguns verbetes são bem úteis, e outros nem tanto, já que, em alguns casos, algumas explicações não chegam à real dimensão semântica de palavras utilizadas somente no Brasil. Como exemplo de verbetes bem explicados, há os casos de *abacaxi*, *guri* e *trepar*; já outros verbetes como *bico*, *chapado* ou *gingada* têm explicações menos funcionais, já suas respectivas elucidações semânticas não contemplam outras possibilidades de significado, muitas vezes flagrantes nas gírias brasileiras e, obviamente, nos respectivos contos que compõem a antologia.

Sob perspectivas as mais diversas, *O conto brasileiro contemporâneo* revela a riqueza e as belezas da cultura brasileira, mas não deixa escapar também aquilo que há de negativo nessa nação e no cotidiano desse povo, construindo críticas por vezes corrosivas ao povo brasileiro e ao seu modo de estar no mundo. Mesmo assim, trata-se de uma seleção literária que anuncia tanto as promissoras carreiras dos escritores presentes nesse trabalho antológico quanto o brilhante futuro da produção de contos no Brasil – futuro que, em certa medida, já encontrou em talentosos escritores o seu indubitável presente.

PAULO GEOVANE E SILVA
Universidade de Coimbra

Recebido: 19 de fevereiro de 2013
Aprovado: 28 de abril de 2013
Contato: paulogeovanesilva@gmail.com